

## VISÃO DO CORREIO

# O labirinto da insegurança no Brasil

**O** Brasil começa 2026 com um antigo e complexo problema em sua agenda: a violência. Apesar de os dados mais recentes do Ministério da Justiça e Segurança Pública apontarem para a redução de 11% no número total de assassinatos em 2025 — a quinta retração consecutiva —, as estatísticas seguem desafiando o país. Entranhada na rotina do cidadão, a insegurança permanece alimentada por facções criminosas e pelo crescimento alarmante de ocorrências específicas, como o feminicídio, que registrou a marca de quatro vítimas por dia no último ano.

A diminuição dos homicídios é uma informação importante e demonstra que políticas públicas eficientes produzem resultados. Mas, ao mesmo tempo que avanços são constatados, a realidade que se impõe em consequência da violência é de uma sociedade fraturada. O levantamento do órgão mostra que as regiões Norte e Nordeste concentram as maiores taxas, especialmente em municípios marcados pela disputa do controle do tráfico de drogas. Por sua vez, a tragédia dos feminicídios revela um retrato assustador com o recorde histórico de 1.470 mortes em 2025.

Para enfrentar a questão, é preciso, primeiro, entender que os crimes se movem por alguns eixos fundamentais. A falha na investigação é um deles — menos de 40% dos homicídios no país são resolvidos. Dessa forma, a impunidade se transforma em combustível para o criminoso, que se sente confortável para operar diante de um Estado com dificuldades de punir. Outro ponto de extrema relevância é o abismo social brasileiro, com os jovens negros das periferias das cidades no topo das estatísticas, indicando que a violência

tem cor e endereço. No que se refere aos assassinatos de mulheres, o panorama demonstra que o endurecimento penal sozinho não tem sido suficiente para conter os registros. Nesses casos, prevenção, acolhimento, fortalecimento da fiscalização de medidas protetivas e trabalho de desconstrução do machismo estrutural são urgentes.

Tantas fragilidades persistentes indicam a necessidade de seriedade e responsabilidade. As respostas exigem o abandono de soluções rasas para dar lugar a um sistema profundo e baseado em investimento, inteligência, tecnologia e capacitação. Investigações bem planejadas e amparadas pelas instituições são essenciais. Modelos que apostam em programas eficazes de conscientização, na implantação de escolas em tempo integral, em ensino de qualidade nas instituições públicas e na assistência a jovens em situação de risco já demonstraram sucesso e são exemplos que devem ser multiplicados.

O Brasil não pode mais se contentar em celebrar quedas marginais em taxas de violência. Melhorar as estatísticas de maneira ampla requer coragem para admitir que alguns sistemas não funcionam mais e que não existe solução única. O país precisa estar completamente integrado no combate a todos os tipos de violência se quiser assegurar o direito de proteção dos seus cidadãos. A redução de algumas tipificações e o crescimento de outras encaram os múltiplos elementos envolvidos. Diante desse cenário, os números deixam de ser somente um quadro: eles passam a convocar o poder público para a tomada de decisões e a sociedade para participar das ações.



PATRICK SELVATTI  
patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

## E longe da casa mais vigiada?

O *Big Brother Brasil* não pode mais ser tratado apenas como um reality show de entretenimento escapista ou "apenas um jogo". Há muito tempo, o programa se consolidou como um experimento social em larga escala, capaz de revelar — sem filtros — os vícios estruturais, as violências simbólicas e as contradições mais gritantes da sociedade brasileira. O que se vê ali não nasce no confinamento: ele apenas se intensifica.

A cada edição, o público é exposto a um desfile de agressões verbais, comportamentos discriminatórios e violações explícitas de direitos humanos. Machismo, etarismo, racismo, homofobia, gordofobia e capacitismo surgem não como exceção, mas como prática recorrente, muitas vezes travestida de "opinião", "brincadeira" ou "estratégia de jogo". O que salta aos olhos é o baixíssimo nível de letramento social, emocional e jurídico de parte significativa dos participantes. E isso é reflexo direto de um país que ainda falha em educar para a convivência democrática.

Nesse contexto alarmante, um episódio recente ultrapassou qualquer fronteira do aceitável: a tentativa de beijo cometida por um participante contra uma colega dentro da despensa da casa, em um momento em que ele acreditava não estar sendo filmado. O detalhe não é menor. A crença na ausência de câmeras revela algo ainda mais perturbador: a naturalização da violência quando se supõe não haver testemunhas — que é o que mais ocorre entre as quatro paredes de um lar, por exemplo.

O ato não foi ambíguo, nem passível de relativização. Trata-se de um crime previsto em lei, definido como importunação sexual, e que carrega consigo marcas profundas de abuso de poder, desrespeito ao consentimento e violação da dignidade da vítima.

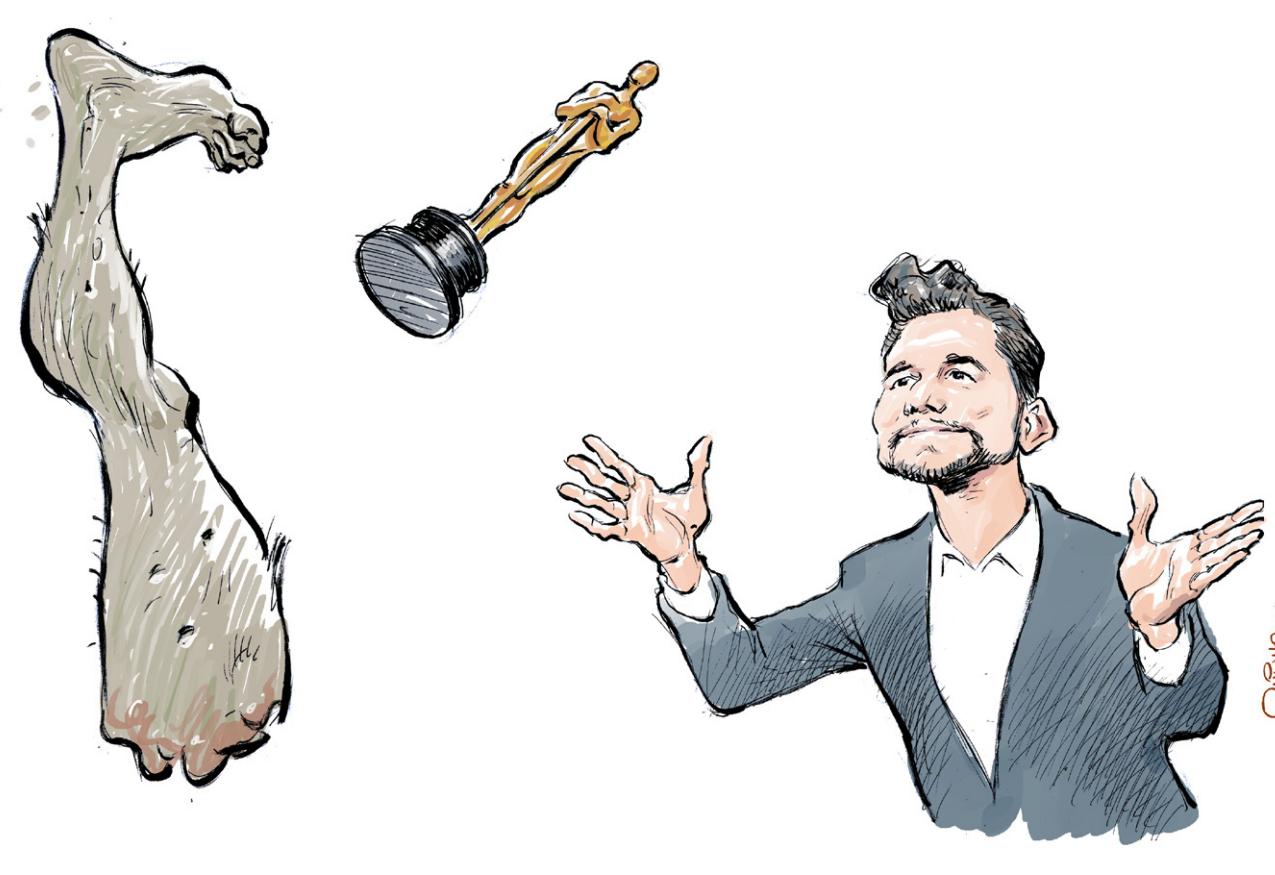
Ainda assim, a reação institucional foi tímida. A emissora limitou-se a mencionar o ocorrido, sem um posicionamento pedagógico mais firme, sem uma mediação clara com o público e sem explicitar a gravidade do ato. O fato de o participante ter pedido para sair do programa logo depois não encerra a questão, mas evidencia uma lacuna.

Quando uma situação dessa magnitude ocorre em um programa de alcance nacional, a responsabilidade da emissora não é apenas contratual ou jurídica, mas social. Silenciar, minimizar ou tratar o episódio como um "incidente" é perder a oportunidade de afirmar, de forma inequívoca, que determinadas condutas não são toleráveis em nenhuma circunstância — dentro ou fora da televisão.

O *BBB*, gostemos ou não, é espelho. E o reflexo que ele oferece é incômodo porque nos obriga a encarar o quanto a violência contra a mulher ainda é relativizada, normalizada ou empurrada para debaixo do tapete, desde que o agressor vista o figurino de arrependimento e "saia de cena" rapidamente. Mas violência não se apaga com edição, nem com pedidos de desculpa protocolados. E quando ocorre dentro dos lares, na ausência de câmeras?

Por isso, é fundamental que o debate extrapole os muros da casa e alcance a sociedade. Amanhã, o *CB Debate*, evento promovido pelo *Correio*, se propõe a discutir a violência contra a mulher com a seriedade que o tema exige. Mais do que um encontro, trata-se de um chamado à responsabilidade coletiva: para a mídia, para as instituições e para cada cidadão que ainda insiste em tratar agressões como ruído de entretenimento.

Enquanto o Brasil assistir calado, o experimento social continuará apenas confirmando o que já sabemos e fingimos não ver.



## » Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

## Sonegação

Sonegar milhões virou, para alguns, sinal de sucesso. Quem rouba bife porque passa fome é bandido, quem deve fortunas ao Fisco é tratado como herói. O dinheiro que deveria virar creche, remédio e segurança pública vira doações milionárias a políticos, viagens de luxo, festas em palácios e aplausos de influencers. Chamamos privilégio de mérito, pilhagem de sucesso e fé de conveniência. Até o dia em que a conta, como sempre, sobra para quem nunca entrou no camarete.

» Percival Andrade  
Brasília

## Dengue

Calda Novas decretou calamidade pública em razão da dengue. Se essa epidemia de dengue que acontece na cidade goiana chegar ao Distrito Federal e for semelhante à que ocorreu em 2024, a população está lascada — para não dizer outra coisa. As Unidades de Pronto-Atendimento (Upas) só estão atendendo quem está praticamente morrendo, as Unidades Básicas de Saúde (UBS) não têm médicos e, nos hospitais, os pacientes estão ficando no chão dos corredores.

» Hartur Oliveira  
Brasília

## Marcha 1

Bolsonaro e comparsas já saíram da praça, como os manifestantes de domingo queriam? Essa marcha de golpistas só serviu mesmo para marketing eleitoral. Não deixa de ser engraçado também que os que admitiram ditaduras e torturadores agora sejam a favor de democracia e direitos humanos. Aliás, se estivéssemos em uma "ditadura", como acreditam, eles não fariam essa marcha.

» André Queiroz  
São Paulo

## Marcha 2

Manifestação pacífica não é concessão do Estado, é direito do cidadão. Proibir por "precaução" o acesso ao Complexo da Pampulha e à Esplanada dos Ministérios é admitir que o poder não tolera ser confrontado nem a distância. Quanto a toga cria zonas proibidas ao povo, não é segurança, é autoritarismo travestido de ordem. Democracia não tem gente na rua; quem teme governa contra ela.

» Mário Moraes  
Uberlândia(MG)

## Cotas raciais

Nenhum estado brasileiro tem autonomia de proibir cotas raciais em universidades públicas que foram fruto de lei federal. Isso porque elas são subsidiadas por recursos da União, e não dos estados. Portanto, se um paulista, por exemplo, é contemplado com uma vaga por cota em Santa Catarina, cujo governador sancionou um projeto de lei proibindo essa política pública, ele deve ingressar na universidade porque, como o nome bem diz, a universidade é federal.

» César Cavalcanti  
São Paulo

## Conselho da Paz

Para ter paz, teria que haver concordância entre dois Estados, com territórios divididos com iguais condições de desenvolvimento, desmilitarização do Estado de Israel urgentemente, reconstrução da Palestina e retirada de cena dos magnatas do capitalismo financeiro e industrial. Ai, sim, poderíamos acreditar em paz. Pelo contexto e pelos membros desse "Conselho da Paz" criado por Donald Trump, é impossível construir algo.

» Simone Oliveira  
Brasília

## Longevidade

Longevidade era exceção. Agora, virou estatística. Vivemos mais. Isso é fato. A medicina avançou, os antibióticos viraram gente de casa, o colesterol passou a ser visto como se fosse um criminoso reincidiente. A expectativa de vida subiu, e a ideia, quase ingênua, de que bastaria durar para que tudo desse certo. A verdade é que a longevidade chegou antes do manual de instruções. A velhice, como a infância, exige cuidados diários. O corpo começa a dar sinais de que o tempo passou. As juntas rangem como portas de armário antigo, os reflexos hesitam, os músculos se retraiem. Não é só o corpo que envelhece: às vezes, o mundo ao redor também se torna estranho, distante. Os amigos partem, os filhos se dispersam, as calçadas ganham degraus invisíveis. E, de repente, o que mais dói não é o quadril, é o silêncio. Não se trata aqui de negar a velhice, com suas rugas e suas lentidões, com seus esquecimentos. Há velhices e velhices. E há aquelas que florescem, porque foram cuidadas, porque tiveram sol e sombra, porque foram vividas com afeto, liberdade, respeito e algum humor. Sim, o humor. A velhice não precisa ser sinônimo de decadência. Pode ser plenitude! Envelhecer bem não é luxo, nem sorte, é construção diária. O segredo não é apenas viver muito. É fazer da longevidade uma arte íntima, uma coordenação delicada entre o tempo e o desejo.

» Renato Mendes Prestes  
Águas Claras

## Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Filha de mais uma paciente registra ocorrência após prisão de técnicos de enfermagem. O certo é investigar as mortes de todos os pacientes que morreram nas UTIs de todos os hospitais em que essas pessoas já trabalharam.

Mariza Silva de Aquino — Boa Vista (RR)

A implosão do Torre Palace cria um misto de tristeza para quem conheceu esse hotel no auge. Mas é isso. Que venham novos projetos em novos tempos!

Lionyta Rodrigues — Brasília

Depois de pistas exclusivas para o BRT, teremos no DF pistas exclusivas para as águas da chuva!

Alex Bernardo — Brasília

Quando os governos vão se tocar de que o escoamento de água no DF está deficitário?

Se for tomada alguma providência, a tendência é priorizar significativamente!

Ederson Romário — Brasília

Na verdade, o Nikolas aproveitou a oportunidade para se promover e assumir o protagonismo da extrema-direita, deixando Bolsonaro e seus filhos de fora. Essa briga terá vários rounds!

Israel Lopes — Brasília

Esgoto, desmatamento e ocupação desordenada colocam em risco o Lago Paranoá. A cidade é um espaço de disputa, e a população precisa internalizar o seu papel, resistir, cobrar, se manifestar, denunciar, se articular. O mercado imobiliário não tem critérios socioambientais.

Paloma Medeiros — Brasília

## CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ará  
E se mais mundo houvera, lá chegara"

Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO  
Presidente

Ana Dubeux  
Diretora de Redação

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés  
Vice-Presidente executivo

## VENDA AVULSA

Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 5,00 R\$ 7,00

## ASSINATURAS\*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

[promocional]

Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 WhatsApp

\* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Correio do Comércio e Indústria (3342-1000) ou (61) 99154.0415 WhatsApp, para mais informações sobre preços e condições de assinatura, assim como outras modalidades

e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em comprovação terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação só

é feita por consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp

Publicidade (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

Classificados (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

SA-CORREIO BRAZILIENSE—Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varella, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Redação Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp.

Endereço na Internet: <http://www.correioeb.com.br>

Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press.

Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia

Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias;

SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF

de segunda a sexta, das 9h às 22h.

Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1586

E-mail: [dapress@dabr.com.br](mailto:dapress@dabr.com.br) Site: [www.dapress.com.br](http://www.dapress.com.br)

Atendimento para venda de conteúdo:

Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/

sábados